

# A criação: uma abordagem soteriológica

Creation: a soteriological approach

JAIR LUIS REIS\*

**Resumo:** O presente artigo objetiva lançar algumas ideias acerca da relação entre criação e Salvação. O nosso enfoque se concentra em uma fundamentação bíblica e teológico-sistemática. Com isso, pretende-se ressaltar o papel primordial da criação e sua relação com a Salvação, pelo fato de que, na ordem histórica da compreensão e da consciência, essa última antecede a primeira. Ou seja, o povo de Israel primeiro formulou a noção do Deus da Aliança, do Pacto, da Salvação, para, em um segundo momento, já mais tarde, chegar à compreensão do Deus Criador. Nessa perspectiva, é central a visão cristocêntrica no ato da Criação. O cristocentrismo teológico torna-se assim a chave de leitura para a compreensão criacionista.

**Palavras-chave:** Deus. Jesus Cristo. Criação. Salvação. Finalidade. Fé.

**Abstract:** This article will put forward some ideas about the relation between creation and Salvation. We focus on a scriptural and theological-systematic basis. Thereby, we intend to put in evidence the fundamental role of creation and its relation towards the Salvation, by the fact that the latter precedes the former, in the historical order of comprehension and awareness. In other words, the people of Israel first formulated the notion of a God of Covenant, Alliance and Salvation, so that thereafter they could achieve the comprehension of a creator God. In such a perspective, the Christocentric view of the creation act is fundamental. The theological Christocentricity becomes, thus, the interpretative key for creationist comprehension.

**Keywords:** God. Jesus Christ. Creation. Salvation. Purpose. Faith.

---

\* Doutor em Teologia, professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: prof.jair@yahoo.com.br

## Introdução

O caminho proposto visa enfatizar a finalidade soteriológica, ou ainda, sobrenatural da criação, para que não se caia numa visão reducionista e utilitarista. O ser humano pode sucumbir à tentação de esquecer a vocação sobrenatural das realidades criadas e querer que elas encontrem a sua significação e finalidade em si mesmas. Pode também querer entender que todas as coisas estão postas a seu serviço e se fecham nessa intencionalidade, sem perceber a exigência do cuidado, do respeito pela alteridade, pela natureza e pela vida de forma geral. A visão utilitarista facilmente leva a um entendimento mecanicista da realidade, ao consumismo exacerbado e isso traz consequências trágicas para a vida humana e para a própria natureza.

Esse estudo nos remete logo ao “sentimento da criatura a respeito do Criador” (AUER, 1979, p. 26). É esse sentimento que permite o reconhecimento do único e absoluto Criador. A Escritura deixa claro que “tudo existe desde Deus, em Deus e por Deus”. Os relatos bíblicos da criação narram que no início está o Criador do universo e da obra criada e isso se dá pela palavra Onipotente e pelo seu amor divino. Daí ser que a ordem da criação vem regida pelo amor divino, sendo essa a sua “razão fundamental” (*LAUDATO SI*, n. 77). Deus não tem necessidade de criar, mas o faz para que o ser humano e os demais seres possam participar do seu plano salvífico e ser sua expressão. “Deus cria para salvar e ao criar salva”. Somente Deus se basta e dele derivam todos os seres.

## Antecedentes a fé bíblica na criação

No credo, que começa com “Creio em Deus... Criador”, logo nos defrontamos com essa fé. Por isso, inerente à fé criacionista está a forma como Israel compreende Deus. Outro elemento fundamental é a certeza de que Deus exerce todo poder sobre a natureza. O elemento chave desta fé é a história (DE LA PEÑA, 1989, p. 15). O conceito primeiro que se faz presente na história do povo de Israel é o da Aliança. O Senhor escolheu Abraão e lhe prometeu um povo e uma terra. O que sustenta essa relação é a Aliança (Gn 15,1-21; 17,1-8). Antes mesmo de formular os conceitos criacionistas, Israel percebeu na história que “Deus havia criado um povo gratuitamente, do nada”. A concepção de que a Aliança antecede a criação tem uma correlação litúrgica visto que a festa

principal de Israel não é a celebração da criação, mas sim da Páscoa (Ibid., p. 18). Parte-se da certeza de que as coisas dependem de Deus e têm nele o seu término e isso só é possível porque devem ter também nele o seu princípio (cf. Is 40, 22-28; Is 44, 24-26). Para assinalar que as obras criadas são exclusivamente de Deus, emprega-se o termo técnico *bara*, criação pela palavra. É uma categoria teológica que apresenta Deus como sujeito e designa assim uma ação incomparável (extraordinária). Em vários livros bíblicos fala-se que Deus criou pela palavra. Da mesma forma mostra-se que Deus chamou Israel para fazer parte do seu povo (Is 45,3-4). Como isso os autores situam o ato da criação como o início da história da salvação. (Ibid., p. 21). O importante é que para o povo de Israel, ainda que não formulado expressamente, a criação de Deus é algo evidente e, por isso, pressuposto desde logo.

### A criação e sua finalidade sobrenatural

Tem-se como central a convicção teológica de que as coisas não existem, nem subsistem única e exclusivamente em si, como também não encontram a sua razão de ser e nem a ordem em si próprias. Todos os seres “coabitam”, estão relacionados, existem em função do plano criador e salvador de Deus e estão perfeitamente ordenados para uma finalidade sobrenatural.

A noção do Deus criador sempre esteve presente na fé da Igreja. E é o que vemos a partir de Atenágoras (séc. II): “Afirmamos a Deus mediante cujo Verbo tudo foi feito e por cujo Espírito tudo é mantido”. Também santo Irineu em sua bela analogia afirma que o Filho e o Espírito são “as mãos de Deus”, ‘mediante as quais o Pai criou todas as coisas’” (LADARIA, 2013, p. 46).

Foi a teologia do séc. IV (Atanásio) que percebeu em Gn 1,1-3 a ação do Deus Trino (o Pai, a Palavra e o Espírito). Gregório de Nazianzo mostra a ação Trinitária da criação quanto atribui “ao Pai o desígnio, ao Filho a cooperação e ao Espírito Santo a vivificação” (AUER, 1979, p. 92). De igual modo, santo Agostinho insiste “no mistério criador de Deus trino como único princípio” (Ibid, p. 93). Essa reflexão perpassa a compreensão bíblico-cristã quando assinala que Deus enquanto Criador é a razão de todos os seres existentes, bem como n’Ele encontram sua plena significação. Com isso fica claro que as criaturas possuem uma “dependência radical e absoluta do Criador”, sem jamais se confundir com Ele e muito menos ser uma emanção sua, ou seja, ser da mesma natureza (CIRNE, 2013, p. 28).

A criação nos leva a pensar acerca de Deus, “não como um momento dele mesmo”, mas sim como uma realidade em si e que mesmo estando voltada para Ele não se confunde. Por isso Gesché designa o cosmos como o lugar do ser humano, a sua casa, a habitação (GESCHÉ, 2004, p. 36). Deus cria a terra para ser o lugar da habitação do ser humano e cria as condições para que ele se realize enquanto criatura divina. Mediante isso ela se torna uma constituição fundamental de sua vida e sua perda implica talhar um de seus direitos fundamentais. Essa grandeza se desvela pelo fato do ser humano ser de semelhança divina. Por isso, antes e fora da realidade criada, somente existe Deus que tudo criou “a partir do nada” e a Ele todas as realidades estão remetidas. Não tem como se pressupor nada antes da ação de Deus, mas tudo foi criado a partir dele mesmo (AUER, 1979, p. 198). Desta verdade fundamental pode ser deduzida a bondade das coisas criadas e que o mal jamais pode ser atribuído a Deus, mas sim, ao mau uso do arbítrio humano. Deste modo as coisas, em sua originalidade, participam e são reflexo da bondade de Deus. E somente d’Ele alcançam essencialmente esta qualidade.

Consequentemente, “a criação é boa, intrinsecamente boa, e carrega em si um sentido, uma inteligibilidade interna advinda do próprio ato criador” (CIRNE, 2013, p. 30). A criação expressa, como afirmamos o amor e a bondade de Deus, mas ela nada acresce a Deus. Por essa razão não interfere na transcendência de Deus, ou melhor, Ele “não depende da criação para ser”, verdadeiro é somente o inverso, isto é, as coisas dependem de Deus para ser. As verdades acima citadas preservam em Deus “a independência ontológica”, como também a gratuidade da Criação (GESCHÉ, 2004, p. 31-32). Deus faz as coisas não por necessidade, mas sim porque Ele amorosamente quer a participação humana em seu projeto salvífico.

Quando falamos da finalidade ou do *télos* sobrenatural, queremos ressaltar que nenhuma criatura encontra a última razão de ser em si, mas se refere sempre a uma dimensão que ultrapassa a esfera histórica e palpável. Diante disso fica evidente que o obrar, a ação de Deus, tem sua origem e o seu fim no próprio amor divino e esse último é o motivo da criação divina. Dito com outras palavras: o objetivo e o fim da ação divinas não se encontram fora de Deus. Como diz João Damasceno: “como o bom e soberano Deus não tinha como suficiente a contemplação de si mesmo, mas que pela superabundância de sua bondade queria que existisse algo para mostrar sua benevolência e que pudera participar de sua bondade” (AUER, 1979, p. 121).

O concílio Vaticano I reafirma essa mesma verdade ao mencionar: “Somente este Deus verdadeiro, por sua bondade e virtude Onipotente, não para aumentar sua bem-aventurança nem para adquiri-la, mas sim para manifestar a sua perfeição – pelos bens que reparte às criaturas, com seu libérrimo desígnio, juntamente desde o princípio do tempo, criou do nada a uma e outra criatura...” (Ibid). Daí podemos tirar três consequências para a compreensão cristã: a) O Deus uno e trino, que São João define como “o amor”, criou o mundo por amor (de forma livre) (cf. Sb 11,23-26); b) a criação enquanto “obra e manifestação” do Deus Trino se completa no ser humano e, assim, ele alcança a consciência de si. Daí ser o homem designado de “coroa da criação”. E também fica desvelada que ele é imagem de Deus; c) e na condição de criatura que porta a imagem de Deus, o ser humano é visto como o reflexo de Deus no mundo. (Ibid., p. 123).

As narrativas bíblicas do livro do Gênesis acerca da Criação trazem o grande ensinamento de que Deus é a fonte de toda criação, pondo especial reverência ao ser humano. Em consonância, e dando plena significação ao texto bíblico vem a fala do Santo Padre:

[...] A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que ‘não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas’. São João Paulo II recordou que o amor muito especial que o Criador tem por cada ser humano ‘confere-lhe uma dignidade infinita’. Todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso. Como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: ‘Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia’ (Jr 1, 5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, «cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário (LAUDATO SI, n. 65).

A necessidade da criação não vem determinada pelo ser humano, mas é Deus que torna o ser humano “um ser necessário”, ou seja, dependente de seu Criador. O fato de possuir esse dinamismo interno de ser criado à imagem e semelhança de Deus o leva a uma relação peculiar com o Criador e com as demais criaturas. Com outros termos: “Ser criado à imagem de Deus é possuir em si mesmo esta dinâmica que possibilita uma relação de amor

com o Outro que é Deus, mas também com toda a criação” (McCARTHY *apud* CIRNE, 2013, p. 83). Deste modo, pode estabelecer uma relação de diálogo com o Criador e, encontra plenas condições de responder ao apelo feito por Deus.

A liberdade criacional de Deus é um tema primordial para essa abordagem e perpassa toda a economia da salvação. Assim percebemos que a finalidade de Deus nesse ato consiste em comunicar a sua bondade e a sua misericórdia.

Por conseguinte, “cada criatura possui a sua bondade e perfeição próprias. [...] As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas” (CEC, n. 339).

Pelo que afirmamos torna-se claro que o próprio Deus é o fim de todo ente criado. E essa manifestação e doação de Deus, já encontra sua compreensão inicial no AT, mas sua plenitude somente será encontrada em Jesus Cristo. Nas palavras de LADARIA “Deus criou para poder manifestar-se em Cristo, para poder comunicar seus benefícios e comunicar-se a si mesmo” (2013, p. 44).

## A referência Cristocêntrica no ato criacional

A Teologia criacional tem sua referência inequívoca na unicidade de Deus e, por essa razão, na referência cristocêntrica, visto que com Cristo desponta o *Kairós*<sup>1</sup> teleológico uma vez que ele é a intervenção definitiva e irrepetível de Deus na história (cf. Cl 1,15-20). Todavia, ao mesmo tempo é o *Kairós* como princípio inicial (*arché*), porque é o início da nova criação ou da nova humanidade.

Verdade essa atestada na encíclica *Laudato Si* do papa Francisco:

Segundo a experiência cristã, todas as criaturas do universo material encontram o seu verdadeiro sentido no Verbo encarnado, porque o Filho de Deus incorporou na sua pessoa parte do universo material, onde introduziu um germen de transformação definitiva: O cristianismo não rejeita a matéria; pelo contrário, a corporeidade é valorizada plenamente no ato litúrgico, onde o corpo humano mostra sua íntima natureza de templo do Espírito Santo e chega

<sup>1</sup> *Kairós* aqui é compreendido como o tempo eleito por Deus para concretizar seu plano de salvação, é o tempo favorável, propício, da comunicação de sua graça, são os momentos cernes da história salvífica. (ROCHETTA, 1991, p. 75).

a unir-se a Jesus Senhor, feito também Ele corpo para a salvação do mundo (*LAUDATO SI*, n. 235).

Por isso precisamos conceber uma relação entre Criação e Encarnação, uma vez que ambas exaltam o poder criador e redentor (santificador) da Palavra. Nesse sentido, Cristo é a imagem do invisível (cf. Cl 1, 15-16 e 18b-20). Ele, como eternamente gerado pelo Pai, é o ser “primordial”, “protótipo” de toda criação (cf. Jo 5, 37-39) (MALDONADO, 1987, p. 44). O quarto evangelista apresenta a palavra eterna, o verbo de Deus, como a Palavra que se fez carne (cf. Jo 1, 14).

O Novo Testamento afirma a vivacidade da palavra (cf. At 6,7; 12,24; 19,20); ela é germe da vida em Deus (cf. 1Pd 1,23); fonte de salvação (cf. Rm 1,16). A criação e encarnação exalam o poder criador e redentor (santificador) da palavra. Contudo, é preciso ter a consciência de que a eficácia pessoal só será atingida na abertura e acolhida da mensagem salvífica revelada.

O fundamento primeiro da imanência de Deus está na criação por meio da qual comunicou sua grandeza e o seu infinito poder. Isto evidencia que a condição ontológica está em Deus (MARCHESI, 1977, p. 279-280). O que vem expresso pelo teólogo Balthasar nestes termos: “Um único Deus onipotente, que criou com sua palavra todas as coisas, as visíveis e invisíveis [...] e por meio desta palavra, com a qual concluiu a criação, realizou nela também a salvação dos seres humanos” (BALTHASAR, 1992, p. 143).

O Prólogo de São João centraliza tudo na pessoa do Verbo feito carne, inclusive a criação do mundo, afirmando a sua preexistência.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto do Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade. Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça. A lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer (Jo 1,1-3.14.16-18).

A comunicação, a revelação de Deus se concentra no fato de sua realidade visível, do seu eterno poder e divindade, se torna inteligível desde a criação do mundo (cf. Rm 1, 18-22, At 17,16-30). Deus mesmo criou e capacitou a pessoa, abrindo-lhe a inteligência para poder contemplá-lo. Por conseguinte, na revelação cristã há uma dupla descoberta: quem é Deus para o ser humano, explicitado em Cristo, no seu eterno amor; e quem é o ser humano para Deus (Id., 1965, p. 29).

Segundo a compreensão cristã, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: “Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele” (Cl 1, 16). O prólogo do Evangelho de João (1, 1-18) mostra a atividade criadora de Cristo como Palavra divina (Logos). Mas o mesmo prólogo surpreende ao afirmar que esta Palavra “se fez carne” (Jo 1, 14). Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até a cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da Encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia (LAUDATO SI, n. 99).

Todo o plano redentor de Deus não tira do ser humano a responsabilidade de decisão. Tal incumbência precisa ser levada a sério e medida em todas as suas consequências, visto que o ser humano pode percorrer caminhos que levam a sua própria ruína. Diante dessa preocupação, o papa Francisco recorda que cabe à “Igreja, com a sua ação, procurar não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e “sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo” (Ibid., n. 79).

O papa Francisco assinala que a criação jamais pode ser reduzida à compreensão da natureza, porque,

na tradição judaico-cristã, dizer “criação” é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal (Ibid., n. 76).

## Conclusão

Com essas palavras objetivamos mostrar como Deus, em projeto criacional-salvífico, mostra o seu caminho em construção na história e como todas as criaturas estão implicadas neste processo e possuem um *télos* sobrenatural. Esse olhar permite dar a devida significação e valoração às criaturas e a não limitá-las em sua compreensão ao âmbito material e sensível. Da mesma forma, visa a favorecer um maior comprometimento em nossas relações com Deus, com o outro e com as demais criaturas a fim de que não se fique restrito à “aparência das coisas”.

Portanto, o plano criacional revela que tudo é dom de Deus, que cria os



seres na gratuidade e que comunica e mostra o seu amor e bondade colocando o ser humano em especial relação como Ele e lhe confiando o cuidado dos demais seres.

## Referências

- AUER, J. *El mundo, creación de Deus*. Barcelona: Herder, 1979.
- BALTHASAR, H. U. V. Encontrar Deus no mundo de hoje. In *Concilium*, n. 6, 1965, p. 19-30.
- \_\_\_\_\_. *Teodrammatica: Le persone del dramma l'uno in Dio*. v. I2. Milano: Jaca Book, 1992.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CIRNE, L. F. R. *O espaço da coexistência: uma visão interdisciplinar de ética socioambiental*. São Paulo: Loyola, 2013.
- DE LA PEÑA, J. R. *Teologia da criação*. São Paulo: Loyola, 1989.
- GESCHÉ, A. *O cosmo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- LADARIA. *Introdução à antropologia teológica*. São Paulo: Loyola, 2013.
- MALDONADO, L. *Sacramentalidad evangélica: signos de la presencia para el camino*. Santander: Sal Terrea, 1987, p. 11-238.
- MARCHESE, G. *A Cristologia di Hans Urs Von Baltasar: la figura de Gesù Cristo espressione visibile di Dio*. Roma: Gregoriana, 1977, p. 213-277.
- PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2015.
- ROCHETTA, C. *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991.

Artigo recebido em 3 de novembro de 2015  
e aprovado para publicação em 19 de fevereiro de 2016